

PEQUENOS GRUPOS ANDRAGÓGICOS: ALTERNATIVA DE ACOLHIDA, DE CONVIVÊNCIA E DE APRENDIZADO BÍBLICO CRIATIVO

ANDRAGOGICAL SMALL GROUPS: ALTERNATIVES FOR HAVENS, COEXISTENCE, AND CREATIVE BIBLE STUDIES

Paulo Felipe Teixeira Almeida¹

RESUMO

Este artigo visa a refletir sobre os Pequenos Grupos como alternativa e espaço de acolhida, de convivência e, também, de aprendizado bíblico criativo, especialmente, nos centros urbanos. Diante de uma sociedade – aparentemente – fragmentada, sugere-se que carências por espaços de convívio e comunhão surjam. Assim, questiona-se sobre a igreja se fazendo presente e agindo, neste cenário. Propõe-se que os Pequenos Grupos possam lançar mão de um processo de ensino-aprendizagem criativo, aqui lido pelo viés da andragogia. A presença ativa e criativa da igreja na comunidade urbana pode necessitar de formato que se faça significativo para com quem interage. Assim, a proposição e predileção por espaços menores, uma vez que o ambiente menor pode ser – naturalmente – mais acolhedor e proporcionar tempo adequado e interação suficiente para uma troca e partilha de qualidade. Pretende-se, portanto, vislumbrar o Pequeno Grupo como um espaço de confiança e de identificação, no qual as pessoas participantes possam encontrar espaço para cultivar relacionamentos relevantes; através da comunhão, da troca mútua e de aprendizado bíblico de forma criativa. Esta pesquisa resultou do método bibliográfico.

Palavras-chave: Pequenos Grupos. Andragogia. Acolhida. Convivência. Comunhão. Missões Urbanas. Missão da Igreja.

ABSTRACT

This article reflects on Small Groups as an alternative space for acceptance, coexistence, and also creative biblical learning, especially in urban centers. A society, apparently fragmented, suggests the need for spaces, to interact and fellowship, to emerge. Therefore, there are questions as to whether the church

¹ Doutorando em Teologia pela Faculdade EST, São Leopoldo, RS. Mestre em Teologia/MP-Dimensões do Cuidado e Práticas Sociais (EST). Bolsista da CAPES (Entidade governamental brasileira de incentivo à pesquisa científica e à formação de recursos humanos). E-mail: prfelipealmeida@gmail.com.

is making itself present, and acting in this scenario. This article proposes that small groups can make use of a process of creative teaching and learning, referred to here as andragogy. The active and creative presence of the church in the urban community may need a structure that is meaningful to those it interacts with. Thus, the proposition and preference is for smaller spaces, since a smaller environment can be, naturally, more of a haven, and provide adequate and sufficient time for an exchange of quality interactions. The intention is then to envision the Small Group as a space of trust and identification, where those who participate can find space to cultivate important relationships through fellowship, mutual exchange, and biblical and creative learning. This research implemented the bibliographic method.

KEYWORDS: Small Groups. Andragogy. Haven. Coexistence. Communion. Urban Missions. Mission of the Church.

INTRODUÇÃO

A realidade urbana não é mais uma condição de posicionamento geográfico apenas, pois o que se observa contemporaneamente é que a cultura urbana invade cidades, antes tidas como interioranas e associadas, comumente, a um ritmo, a uma cultura e a uma agenda relacionada às coisas do campo. A cultura urbana tem alcançado outras realidades e, nessa direção, leva junto os confortos, possibilidades, mas também os dramas da cidade grande. A segurança, a saúde e a educação públicas entram para o topo da agenda de necessidades e medos de cidades nas mais diversas regiões. A desconfiança e os medos alcançam as pessoas, seja nas cidades com vocação urbana, sejam nas cidades contagiadas/contaminadas pela cultura da urbanidade. É, no entanto, oportuno lembrar que a natureza humana clama pelo convívio, como destacam Foster e Beebe, ao recordar pensamento de caráter mais antropológico de Schleiermacher:

Primeiro, é da natureza humana reunir-se em grupos. Os seres humanos são seres sociais e são atraídos naturalmente para perto uns dos outros. Reunir pessoas também é da natureza da religião. Logo, a existência das comunidades religiosas não é ruim, muito menos maligna, mas comum e natural. Por isso, em vez de condenar a Igreja, devemos tentar descobrir por que as

comunidades religiosas existem e como tirar o melhor proveito delas (FOSTER, 2009. p. 226).

Para o intento deste artigo, valemo-nos de uma abordagem, mesmo que – aqui – de modo bastante introdutório, da temática andragógica. “Andragogia é a ciência que estuda como os adultos aprendem. E quem primeiro usou esta nomenclatura foi o educador alemão Alexander Kapp, em 1833” (BELLAN, 2005, p. 20). Na andragogia, os sentidos são visitados de maneira a contemplar efetividade no processo ensino-aprendizagem. Isso, entretanto, parece não ser privilégio e tampouco fica restrito às condições e aos espaços tradicionais de ensino. Em diversas esferas de convívio social e na vivência espiritual comunitária, não raro, são abordados, elementos com traços andragógicos, mesmo que não se tenha ciência desta ou que não se faça menção ao tema/nomenclatura. Vejamos, por exemplo, a abordagem dada no livro *Direção Espiritual – Sabedoria para o caminho da Fé*, que enaltece a combinação do ouvir, ler, proferir e escrever: “Ouvir é a principal atitude da pessoa que está aberta à vida e a palavra criativa de Deus” (NOUWEN, 2011, p. 119). Diz-nos, também:

Ler, meditar e ouvir a palavra de Deus nas palavras da Bíblia abrem o nosso coração à presença de Deus. Ouvimos uma frase, uma história ou uma parábola não simplesmente para sermos instruídos, informados nem inspirados, mas para sermos formados como pessoas de fé realmente obedientes. Ao ouvir assim, somos guiados pela Bíblia (NOUWEN, 2011, p. 121).

A partir da abordagem de Nouwen, podemos verificar um crescente sugerindo que existe mais do que envolvimento, mas sim, engajamento nesse processo múltiplo. Isto faria do indivíduo adulto, tal qual reforça a andragogia, “sujeito da educação e não objeto desta” (BELLAN, 2005, p. 21).

Outro ponto importante salientado por Nouwen seria a fase em que se profere/diz algo: “Às vezes precisamos ouvir uma palavra vitalizadora dita por outro e voltado à nossa condição atual.

Deus às vezes envia um profeta para falar uma palavra pessoal para nós quando precisamos.” (NOUWEN, 2011, p. 129). Indo adiante, Nouwen nos encoraja a incluir a escrita como experiência significativa, visto que a “escrita espiritual ocupa um lugar muito importante na formação espiritual” (NOUWEN, 2011, p. 130).

No livro *Andragogia em Ação: como ensinar adultos sem se tornar maçante*, é preconizado que “todo aprendizado é um processo associativo. O cérebro usa os estímulos sensoriais para promover associação das informações recebidas, gerando aprendizagem.” (BELLAN, 2005, p. 95). Assim, “o uso simultâneo de metodologias aumenta a retenção do que deve ser aprendido” (BELLAN, 2005, p.96).

Perceba, portanto, que podemos vislumbrar possibilidades de correlação do processo de ensino-aprendizagem disponível tanto para uma sala de aula, quanto para o ambiente espiritual representado por um pequeno grupo. E é nessa perspectiva que o texto seguirá na intenção de perceber desafios e o valor no aprendizado criativo dentro dos ambientes relacionais propostos, conhecidos e disponíveis em nossas diversas denominações/tradições cristãs, ou seja, nos pequenos grupos.

1 APRENDIZADO PARA SUPERAR A DESCONFIANÇA; APRENDIZADO PARA RECONQUISTAR A CONFIANÇA

Um fenômeno que ocorre na atualidade é uma busca intencional por soluções rápidas para os problemas urbanos do dia a dia dentro das diversas igrejas cristãs. Por muitas pessoas, as igrejas parecem ser percebidas como “supermercados da fé”, nas quais se imagina encontrar uma diversificada linha de “produtos” contendo solução específica para cada problema vivido no cotidiano inseguro das grandes cidades. É verdade que algumas igrejas fazem desse expediente sua maneira de agir, seu modo de operação. Sendo assim, pelo menos dois perfis de público

alvo podem ser elencados: o cliente, ou seja, aquele que entra na igreja-mercado para comprar seu produto religioso, sair e usá-lo; e um segundo tipo é aquele que reconhece que tem necessidades, mas não deseja envolver-se nesta espécie de negociata da fé. Mesmo assim, o que move este último também acaba por afastá-lo de conhecer igrejas que apresentam uma proposta mais séria e comprometida com Cristo, como também das verdades bíblicas que trazem consolo, encorajamento e alimentam com esperança. Esse segundo tipo tem em si marcas de desconfiança em relação à igreja. Para que este tipo de pessoa seja alcançado, digamos, para uma experiência de fé e vida cristã mais profunda, faz-se necessária uma reconquista de confiança; assim, tudo o que lembrar “estruturalmente” esse mercado da fé precisa ser descartado. No pensamento de Schleiermacher, pode-se perceber a importância, então, de uma comunidade que cresce junta e unida, em uma troca e paridade, sem que a hierarquia, histórica ou “novata”, interfira, negativamente, pelo controle, conforme podemos verificar, abaixo:

Então, Schleiermacher mostra a forma em que comunidades específicas de fé nos ajudam a entender nossas experiências com Deus. Falando, ouvindo e adorando juntos, somos capazes de compartilhar nossas experiências espirituais e assim obtermos mais discernimento, com base no que é compartilhado. Esse processo nos orienta na compreensão dessas experiências e demonstra que a Igreja verdadeira é baseada na troca, não em hierarquias repressivas. Destacando isso, Schleiermacher defende uma comunidade em que a religião verdadeira seja a troca entre iguais que experimentam a Deus (FOSTER, 2009. p. 226).

O ambiente relacional que a igreja ou comunidade local oferece cumpre, então, o papel agregador necessário para desconstruir a ideia de uma igreja-comércio promovida pela mídia em geral, e permitir a construção de uma nova experiência de fé e comunhão saudável para o convívio e desfrute espiritual. Num primeiro momento, o lar, a casa, a residência permite essa ação e dinâmica por uma simples razão, não tem “CNPJ” (um perfil institucional),

ou seja, nesse ambiente, encontram-se pessoas, indivíduos reais, próximos e, provavelmente, mais acessíveis uns aos outros. Assim, uma reaproximação com uma espiritualidade sadia se dá pela credibilidade baseada numa amizade, num relacionamento existente. O testemunho pessoal torna-se o principal meio para essa reconciliação com o sagrado. Percebamos, ainda, no encorajamento de Bonhoeffer, que anonimato é uma realidade para os que se iniciam na caminhada com a realidade cristã:

Os que haviam sido chamados já não podiam viver no anonimato; eram a luz que tem de brilhar, a cidade edificada sobre o monte que tem de ser vista. Por sobre sua comunhão pairavam, visivelmente, a cruz e a paixão de Jesus Cristo. Por causa dessa comunhão, os discípulos tinham de abandonar tudo tinham que sofrer e ser perseguidos; todavia, em sua comunhão recebiam, justamente, na perseguição, visivelmente o que haviam perdido – irmãos, irmãs, campos, casas. A comunidade dos seguidores estava bem visível diante do mundo. Havia corpos que agiam, trabalham e sofriam na comunhão de Jesus (BONHOEFFER, 2004, p. 158).

Esse processo respeita um inicial interesse por anonimato, pois a pessoa interessada vai agregando-se, aos poucos, com aquelas pessoas que conhece, e em ambiente que lhe é ou lhe parece familiar.

Revisitando, então, aspecto negativo da desconfiança, segundo relata Rogério R. Zimpel, em seu livro intitulado *Aprendendo a lidar com o estresse*: “A desconfiança e o apego à última palavra produzem estresse” (ZIMPEL, 2005, p. 100.). Relata, ainda: “Na China antiga, os médicos eram pagos para manter seus pacientes saudáveis em vez de tratar as doenças. Na nossa sociedade, entretanto, existem poucos incentivos para a prática preventiva da medicina” (ZIMPEL, 2005, p. 106). Cumpre-se um equivocado trajeto de reproduzir escolhas do dia a dia urbano, como a constatação acima nos sugere: deixe adoecer para abordar. O Pequeno Grupo, em especial de caráter andragógico, poderia

ser o ambiente em que se cuida uns dos outros, quando necessário; também o ambiente em que se previnem doenças, na perspectiva do suporte espiritual. Isto pode ser considerado como de grande valia dentro da rotina sufocante das cidades. Além disso, a igreja precisa perceber-se nas pessoas que a formam e, assim, vislumbrar-se itinerante. Isso se faz essencial, e a faz relevante:

Não devemos pensar em visitar apenas os membros de nossa igreja, mas precisamos estender a graça do Evangelho a todos os enfermos, seja qual for a sua religião. Muitos enfermos estão hospitalizados, outros estão em seus lares (SOBRINHO, 2004, p. 50).

2 APRENDIZADO NA IDENTIFICAÇÃO COM O OUTRO

Ao pensar na dramática necessidade relacional que os centros urbanos geram, na superficialidade, na opressora agenda para sobrevivência, pode-se imaginar uma nada saudável ênfase em si mesma, em si mesmo.

O princípio de alteridade não passa de utopia. O altruísmo quando evocado, primeiramente, pode significar nada além de alívio para as próprias dores internas, como compensação. A alteridade como gesto genuíno e voluntário lembra-nos o padrão divino de Deus para conosco. Em Cristo, ou na vida terrena de Jesus, podemos, então, vislumbrar um padrão de alteridade superior, que extrapola a capacidade do termo, na verdade; pois Cristo não só veio até nós, percebeu nossas dores e clamores, como também forneceu, em mensagem e ação, oportunidade de transformação integradora e integral; podemos supor linhas andragógicas no ensino de Cristo: sua vinda, sua vida, a maneira e os meios de interação de Cristo levavam em consideração a realidade e as necessidades de compreensão da outra pessoa. E Ele nos encorajou a reproduzir essa mensagem. Vejamos o que nos diz o texto de Filipenses 2.7 [NTLH]: “Pelo contrário, ele abriu mão de tudo o que era seu e tomou a natureza de servo, tornando-se assim igual aos seres

humanos. E, vivendo a vida comum de um ser humano [...]”. Ou, ainda, como ressalta Bonhoeffer:

[...] evidenciou-se que o discípulo não dispõe de um direito próprio, de poder próprio no encontro com as outras pessoas. Ele vive exclusivamente da força da comunhão de Jesus Cristo. Jesus dá aos discípulos uma regra muito simples por meio da qual mesmo o mais singelo pode constatar se seu trato com os outros está certo ou errado; para tanto basta inverter os papéis; basta pôr-se no lugar do outro e ao outro em seu próprio. “Tudo quanto, pois, vocês querem que os seres humanos lhes façam, assim façam-nos também a eles.” No mesmo instante, o discípulo perde qualquer direito especial em relação ao outro, e não poderia desculpar para si o que condena no outro [...] (BONHOEFFER, 2004, p. 117-118).

Essa é a regra de ouro como apresentada na pregação de Jesus e, eventualmente, presente em outras religiões e filosofias. Mas, na pessoa de Cristo, temos a nossa referência essencial, de quem observamos o padrão superior de ação para com o próximo. Em Cristo, pode-se delinear nosso modo de operação para início e manutenção de relacionamentos saudáveis. E como a própria história de Cristo nos ensina, isso tem um preço. Mas, afinal, nossa saúde, nossa alimentação, nosso bem-estar são precificados. Faz-se necessário que relacionamentos também o tenham: mais que altruísmo e alteridade, a mensagem do evangelho é amor e compaixão, reflexo do padrão divino. Diz Bonhoeffer: “Assim, o discípulo tratará o outro como alguém que recebeu o perdão dos pecados e que passa a viver exclusivamente do amor de Deus. Está é a lei e os profetas” - pois nada mais é do que o maior mandamento [...]” (BONHOEFFER, 2004, p. 118). Lembrando que esse ambiente pode ter uma abordagem preventiva, como citado anteriormente; salienta-se, aqui, o texto sugestão do pastor João Falcão Sobrinho, dando conta de uma atuação da igreja diante de situações dramáticas de isolamento (no caso, diante de uma situação de depressão e sua manifestação mais drástica, a propensão ao suicídio):

[...] Comunhão fraternal, mutualidade, extensão do próprio ser através da koinonia; ajuda mútua, confiança, oração uns pelos outros, aprofundamento das raízes do amor. Como solidão e o auto-confinamento geralmente acompanham as crises que resultam em suicídio, o desenvolvimento de uma comunhão sincera na Igreja abre janelas para a respiração da alma angustiada e abre também portas por onde pode entrar ajuda nas horas de depressão. (FALCÃO SOBRINHO, 2004, p. 107).

É preciso intimidade para anunciar e vivenciar tais verdades. Assim, mais uma vez, parece que o Pequeno Grupo com viés andragógico, este ambiente relacional proposto para conhecermos a Deus e uns aos outros, pode significar espaço e oportunidade para tanto.

3 APRENDIZADO NA VIVÊNCIA DA FÉ DE FORMA INTEGRAL/RELACIONAL, DIANTE DOS DESAFIOS RELACIONAIS DOS CENTROS URBANOS

A quebra desse distanciamento do indivíduo com uma representação local da igreja se dá, segundo Míguez Bonino, através de um evangelismo intencional por toda a congregação. Isso pressupõe, conforme Bonino, a participação individual e coletiva da comunidade de fé, munida de capacitação para tanto (MÍGUEZ BONINO, apud ZWETSCH, 2008, p. 98.). René Padilla ressalta, por sua vez, a necessidade de recuperar-se a inteireza do evangelho, ou em suas palavras: “todo o evangelho, para todo o homem, para todo o mundo” (PADILLA, apud ZWETSCH, 2008, p. 163). Percebo, no registro de Roberto Zwetsch, a necessidade, o alcance e os limites de uma igreja comprometida em anunciar o evangelho por completo às pessoas, conforme segue:

Em termos práticos, uma igreja que volte ao evangelho bíblico saberá entender que não foi chamada para resolver todos os problemas ou a miséria dos povos, mas foi chamada para ser fiel a Deus com aquilo que tem. “A maior contribuição que a igreja pode fazer ao mundo é ser tudo o que ela deve ser. Entre outras coisas: (a) Uma comunidade de reconciliação [...] (b) Uma comunidade de autenticidade pessoal [...] (c) Uma comunidade de serviço e entrega”. A partir dessa análise, Padilla afirma que, na América Latina, a maior necessidade das igrejas evangélicas é voltar a um “evangelho mais bíblico e a uma igreja mais fiel”. Creio que aqui os adjetivos só podem ser entendidos como sinais de um evangelho que provoca o surgimento de uma vida de fé que se encarna na realidade de injustiças de maneira profética (ZWETSCH, 2008, p. 163).

Os apontamentos de Bonino, Padilla e Zwetsch direcionam para uma necessidade de adequação por parte das igrejas locais em anunciar a esperança em Cristo – compreensivelmente – e, ao mesmo tempo, com fidelidade bíblica. Isso, indubitavelmente, provocará, em todas as pessoas ouvintes uma chance real de perceber sua pessoal necessidade de reconciliação e compreensão, e de que essa poderá ser experimentada também com seu próximo. Isso se traduziria em privilégio de ser, simultaneamente, alvo e agente da fé cristã.

Diante do exposto até aqui, cremos que os Pequenos Grupos devem receber atentos olhares das comunidades de fé, especialmente de âmbito e/ou realidade urbana. Pois como se tentou apresentar, a rotina urbana carece de espaço e ação para o crescimento das pessoas, famílias e grupos, através do estudo bíblico criativo e significativo e, também, do transparente compartilhamento das dores e alegrias, conforme Romanos 12.15. A simplicidade estrutural, a flexibilidade e a adaptabilidade dos Pequenos Grupos mostram os mesmos como instrumentos relevantes e alternativa pertinente para maior inserção da igreja cristã no convívio e no relacionamento com as suas respectivas comunidades em que está ou deseja estar inserida. A necessidade

de superar dificuldades relacionais no dia a dia urbano pode ser diminuída ou, eventualmente, sanada na vivência relacional, aqui estudada, sugerida e promovida. Almejando, assim e, quem sabe, alcançando retorno e reforço de elementos como confiança, amizade, mutualidade e comunitariedade; na intenção de superar uma coletividade urbana, não raro, vazia e superficial. Apontam-se, assim, as propostas desses pequenos grupos, como uma renovação da ação missionária e cuidadora para as diversas comunidades de fé que atuam na realidade urbana.

CONCLUSÃO

Os esforços iniciais para delinear o assunto, certamente, não encerram a extensão do tema, tampouco se aproximam disto: seja pela dimensão temporal, seja pelas ponderações culturais em cada tempo; seja pela dimensão de conceitos abordados, seja pela necessidade de maior aprofundamento teológico, ou ainda, pelas distintas e atuais aplicações práticas, ou, até mesmo, por questões de ordem eclesiológica e a diversidade denominacional no meio cristão. Quer dizer, o que aqui se procurou afirmar é que a proposta de pequenos grupos é atual, oportuna, e oferece possibilidades concretas de efetividade. Ainda assim, interessa saber se o texto conseguiu apontar ou aguçar para futuros mergulhos mais profundos e especializados. Entendo que o tema pode tornar-se pauta recorrente nas diversas denominações cristãs, igrejas locais e comunidades de fé.

Conforme o Pastor Paschoal Piragine Jr., que destaca texto do reverendo Mathias Quintela, confirma-se a seriedade que o tema merece:

A prática efetiva do sacerdócio universal dos crentes requer comunidades menores, de base, nas quais os relacionamentos possam ser tão intensos que tornem possível a verdadeira comunhão cristã. Essas comunidades de base, no entanto, precisam fazer parte de uma comunidade maior; como células,

elas são partículas constitutivas de um organismo vivo. Essa comunidade maior identifica-se com a igreja local que tenha marcas da igreja de Cristo (v. Mt. 18.20). (QUINTELA, apud PIRAGINE JÚNIOR, 2006, p. 134.)

É inegável e cada vez mais necessária a promoção e a manutenção de ambientes relacionais saudáveis que favoreçam contatos verdadeiros entre as pessoas e nas próprias igrejas, ambientes nos quais os seus participantes possam ser percebidos, ouvidos, cujas dores e alegrias possam ser consideradas. Só assim as pessoas serão notadas e acolhidas. Ao mesmo tempo, em tais ambientes certamente terão mais oportunidade de crescimento pessoal, um crescimento integral, sendo também abordados, encorajados e/ou confrontados pela realidade do outro e no outro, para se permitirem revisão na conduta pessoal diante dos desafios rotineiros que a vida comporta. Além disso, sugere-se que nos ambientes de pequenos grupos, as necessidades das pessoas não apenas serão (re)conhecidas, mas também se poderá vislumbrar meios para mudança individual e comunitária. Isso tudo servirá, sem dúvida, para uma renovação da perspectiva de ação e da missão da igreja. Obviamente, aqui se está aludindo a uma igreja interessada e comprometida em fazer positiva e relevante diferença nos atuais centros urbanos e seus respectivos contextos.

O tom proposto, nesta breve reflexão, é o de promoção de alternativas à realidade dos centros urbanos, através da vida em pequenos grupos, ou seja, através de ambientes relacionais, nos quais pessoas possam ser percebidas, ouvidas, notadas e valorizadas; seja como alvos de transformação pessoal; seja vivenciando transformação comunitária.

Como exercício de reflexão futura, pode-se, por último, propor a ideia de intencionalidade na promoção massiva de novas leituras, pesquisas, debates, fóruns, palestras, treinamentos, e outras formas de socialização deste tema, pela pertinência que acarreta tanto para a igreja cristã em suas relações internas, a saber, sua liderança, membresia e parceiros noutras igrejas, quanto em

suas relações externas, com as diversas comunidades com as quais esteja se comunicando e, não por último, até mesmo nas realidades social e política das cidades onde se fazem presentes essas referidas comunidades de fé.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Paulo Felipe Teixeira. **Pequenos grupos missionários: mãos, braços ou corpo de Cristo**. 2011. 55 f. TCCP (Especialização em Missão urbana) - Escola Superior de Teologia, Programa de Pós-graduação, São Leopoldo, 2011.

BELLAN, Zezina Soares. **Andragogia em ação: como ensinar adultos sem se tornar maçante**. Santa Bárbara d'Oeste: SOCEP Editora, 2005.

BÍBLIA SAGRADA. NTLH. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2000.

BONHOEFFER, Dietrich. **Discipulado**. São Leopoldo: Sinodal, 2004.

FOSTER, Richard. **Sedentos por Deus: os sete caminhos da devoção cristã**. São Paulo: Vida, 2009.

NOUWEN, Henri J. M. **Direção espiritual: sabedoria para o caminho da fé**. Vozes, 2011.

PIRAGINE JUNIOR, Paschoal. **Crescimento integral da igreja: uma visão prática do crescimento em múltiplas dimensões**. São Paulo: Editora Vida, 2006.

SOBRINHO, João Falcão. **Aconselhamento cristão em tempos de crise**. Rio de Janeiro: UFMBB, 2004.

ZIMPEL, Rogério R. **Aprendendo a lidar com o estresse**. São Leopoldo: Editora Sinodal, 2005.

ZWETSCH, Roberto E. **Missão como com-paixão**: por uma teologia da missão em perspectiva latino-americana. São Leopoldo: Editora Sinodal; Quito: CLAI, 2008.